Pandemia Global

Heróis da resistência carioca

Em meio à crise, estabelecimentos centenários se adaptam à nova realidade e buscam a sobrevivência

GABRIEL SOBREIRA
gabriel.sobreira@odia.com.br

O Rio perdeu mais um ícone centenário com o fechamento das portas da tradicional Casa Turuna, loja de artigos de Carnaval que funcionava há 105 anos na Saara, no Centro. Mas na contramão da crise provocada pela covid-19, são hercúleos os esforços que estabelecimentos igualmente históricos têm buscado para driblar os efeitos da pandemia. Tudo para não desaparecerem para sempre e ficarem apenas na memória dos cariocas.

Entre os esforços para se manterem de portas abertas, sistema de entregas até campanha de financiamento coletivo. E os proprietários avisam que de braços cruzados é que não vão ficar. Fundada no dia 5 de março de 1860, a Casa Cavé, na Rua Sete de Setembro, também no Centro, é a confeitaria mais antiga da cidade e ainda quer ter muita história pra contar. De olho na sobrevivência do negócio, o estabelecimento recorreu ao delivery.

"O sistema de entregas está sendo implementado agora, com delivery programado com 24h de antecedência. Estamos nos adequando aos novos tempos. Já havia o interesse, com a pandemia, resolvemos adotar", conta Clarene Bernado, sócia da Casa Cavé.

Nome de herói destemido, a Casa Paladino, na Rua Uruguaiana, não foge à luta e está tentando achar uma saída no meio de um caminho de tantas incertezas. Especializado em secos e molhados, o espaço já tinha a entrega como parte da rotina. Contudo, como o Centro vive do movimento semanal efetivo dos dias úteis, o estabelecimento tem visto e sentido o impacto da redução do movimento. "A gente pensa que no futuro, se não melhorar, possa abrir em outro bairro, que funcione melhor", avalia Antônio Rodrigues, funcionário há 26 anos.

"A Casa Paladino já enfrentou outras crises políticas, econômicas, mas nada no tamanho dessa", avalia Rodrigues. E ele vai além. "Estamos resistindo a mais uma fase ruim que nosso país enfrenta de tempos em tempos. Com muitas empresas no esquema home office, o Centro da cidade não está com 20% do efetivo dela. Sinceramente, se esse quadro não vier a mudar, o Centro vai definhar se não tiver uma revitalização logo. Ninguém sabe qual loja sobrevive. Não estamos falando não só de um nome. São famílias que perdem emprego, pessoas que perdem o significado de acordar de manhã. Tivemos que mandar três funcionários embora", lamenta.

FOTOS GILVAN DE SOUZA

Centenária, a Casa Paladino é reconhecida pelas omeletes e sanduíches, e procura se reinventar para combater a crise

Na Casa Cavé, adoção de sistema de entregas para atrair clientes

Vaquinha para ajudar velho reduto boêmio

Nem só a adoção de sistema de entrega pode resolver a atual crise das casas centenárias do Centro. No caso do Bar Luiz, na Rua da Carioca, o financiamento coletivo, além do delivery, é mais uma forma de atenuar as consequências provocadas pela pandemia. Aliás, as portas do icônico bar, fundado em 1887, serão reabertas ao público nos primeiros dias de agosto.

Para o retorno, uma campanha iniciada na última segunda-feira, no Instagram, anuncia uma vaquinha virtual. "Aproveitamos a data especial do Dia do Amigo para pedir seu apoio para que possamos manter as portas deste patrimônio cultural abertas. Em breve, lançaremos uma campanha de 'crowdfunding' e contamos com a sua participação. Doe e se torne um amigo do Bar Luiz!", pede a postagem.

"Estou vendo a data do lançamento do financiamento coletivo com o pessoal da agência que cuida da nossa conta do Instagram e Facebook. Devemos fazer alguma filmagem ainda esta semana no bar. Infelizmente, a fachada está feia porque um 'espírito de porco' foi lá e quebrou nosso letreiro novinho", lamenta a proprietária Rosana Santos.

Queda de braço entre Iabas e SES atrasa salários na Saúde

Funcionários dos hospitais de campanha estão há dois meses sem receber

LUCAS CARDOSO
lucas.cardoso@odia.com.br

Os funcionários dos hospitais de campanha do Maracanã e São Gonçalo seguem sem saber quando receberão os salários dos últimos dois meses de trabalho. Procuradas ontem, a Secretaria de Estado de Saúde (SES) e a organização social Instituto de Atenção Básica e Avançada à Saúde (Iabas) não revelaram quando serão realizados os pagamentos dos profissionais das duas unidades que foram desativadas.

Responsável pelos pagamentos desde a suspensão do contrato com o Iabas, a Fundação Saúde reforçou, ontem, que aguarda desde o dia 9 de julho justificativas para um sobrepreço de 68% encontrado em comprovantes de serviços prestados à organização social. A falta de retorno estaria impedindo o repasse dos recursos à OS.

A informação, contudo, foi rebatida pelo Iabas. A OS alega ter enviado todos os documentos necessários para o pagamento dos profissionais à fundação no dia 6 de julho e, desde então, não recebeu nenhum pedido de correção por parte do órgão.

Sem respostas, os profissionais marcaram para amanhã uma nova manifestação para cobrar o pagamento dos salários. O protesto será na porta da SES, no Centro.

REGINALDO PIMENTA

Funcionária do Hospital de Campanha do Maracanã protesta contra o fechamento da unidade e a falta de pagamento de salários

Para o presidente do Sindicato dos Médicos (SinMed-RJ), Alexandre Telles, a confusão só mostra a falta de disposição da SES de conversar com os trabalhadores. "O salário tem que ser considerado prioridade sobre qualquer outro pagamento", disse.

Ainda segundo Telles, embora o estado viva um momento de redução nos casos e mortes, a desmobilização desses leitos não considera a possibilidade de uma segunda onda. Segundo a SES, há apenas 70 pessoas na fila de regulação aguardando por leitos destinados à covid-19.

Funcionários do Hospital de Saracuruna vivem incerteza

Uma semana após a Prefeitura de Duque de Caxias assumir a administração do Hospital Adão Pereira Nunes, funcionários continuam com salários atrasados e denunciam a falta de transparência da nova gestão. De acordo com os profissionais, eles não têm informações sobre quando devem receber ou sequer sabem se vão realmente continuar trabalhando na unidade. Eles também reclamam da falta de insumos e equipamentos. Em contrapartida, o prefeito Washington Reis ameaça demitir aqueles que denunciarem as condições do hospital.

Uma enfermeira que preferiu não se identificar, informou a **O DIA** que alguns funcionários estão tendo dificuldades para alimentar a família devido ao atraso salarial. "Eles não deram nem uma satisfação pra gente, tem gente que não está tendo o que comer dentro de casa. Esse prefeito quis pegar a gestão do hospital e não está tendo um pingo de respeito com os profissionais. Dois técnicos de enfermagem morreram de covid-19, nós estamos servindo e sequer ouvimos um obrigado".

A mudança de escala também é motivo de queixas entre os profissionais. "Falaram que seríamos contratados, mas não sabemos se vamos receber décimo terceiro, vale-transporte, como vai ser o sistema de trabalho", desabafou outra funcionária.

Em nota, a Secretaria de Estado de Saúde (SES) afirmou que o pagamento dos salários é responsabilidade do Iabas, organização social que administrava o hospital anteriormente. Por sua vez, a OS afirmou que "o IABAS demonstrará que não possui recursos suficientes para pagar salários e fornecedores para que, então, a Secretaria de Estado de Saúde faça os repasses à OS para quitar esses débitos", e que isso teria sido acordado em uma reunião com a Fundação de Saúde.

Referente aos contratos dos funcionários, a SES garantiu que "para evitar a descontinuidade do serviço, foi celebrado um termo de cooperação técnica com a Prefeitura de Duque de Caxias. Uma mediação com o Tribunal Regional do Trabalho (TRT) está sendo buscada para que os trabalhadores da Saúde possam receber diretamente nas suas contas, visto que, em outras ocasiões, a SES repassou verba para organizações sociais para pagamento da folha de pessoal e o dinheiro foi utilizado para outros fins".

Questionada, a Prefeitura de Duque de Caxias afirmou apenas que "não há falta de insumos e de equipamentos de proteção na unidade e reafirma que o Hospital de Saracuruna está com seu atendimento regular e em pleno funcionamento".

Reportagem do estagiário **Maria Clara Matturo,** sob supervisão de **Gustavo Ribeiro**